

Carnaval pode comprometer ainda mais o Campo Grande

FLORA

Para moradores do bairro do Campo Grande e freqüentadores habituais da centenária praça, sua iminente ocupação por dezenas de barracas, parque de diversões e outros equipamentos carnavalescos é o que falta para deixar, de vez, o local em frangalhos. Ciente de seu mau estado de conservação há algum tempo, a comunidade local deu à prefeitura um prazo até março para promover substancial melhoria no Campo Grande. Caso contrário, a própria comunidade organizará um amplo mutirão de limpeza geral que não só servirá como exemplo de engajamento em uma causa comunitária, mas também a demonstração pública da incapacidade de uma prefeitura que consideram abalada pela falta de recursos e de organização.

É o que afirmam moradores e comerciantes locais que, mais do que ninguém, conhecem os efeitos devastadores provocados no local após a retirada dos equipamentos anualmente instalados. Se, de imediato, o poder público iniciasse uma intensa faxina no local, a situação poderia ser menos grave. Canteiros esburacados e sujos, plantas danificadas, lagoas artificiais imundas e um mau cheiro forte são os efeitos pós-carnavalescos. Para Edvaldo Freitas Filho, 39 anos, morador do Canela, seu habitual teste de *cooper* realizado no início de cada manhã deverá ficar cancelado por pelo menos uma semana após a Quarta-feira de Cinzas, devido ao péssimo aspecto do Campo Grande. "Aqui fica igual a uma praça de guerra em final de batalha", sentencia.

A tão almejada faxina geral solicitada pela comunidade local visa também prestigiar aquele espaço, cujo monumento imponente de bronze e mármore, homenageia os heróis da Independência da Bahia que recentemente completou 100 anos. Se as letras metálicas que faltavam no monumento foram repostas, o mesmo cuidado não se pode dizer que esteja havendo com a vegetação local. Diversas palmeiras imperiais espalhadas pela praça ainda mantêm pesadas folhas secas e numerosos frutos prestes a cair. Isto significa sério risco de vida para os freqüentadores. Elizeu Pereira da Conceição, funcionário da Superintendência de Manutenção e Conservação da Capital (Sumac), disse que para realizar a tão necessária poda é preciso usar escada magirus, do Corpo de Bombeiros, ou outros equipamentos apropriados pertencentes à Coelba. A solicitação foi feita em novembro, mas até agora não foi atendida.

Dois bambuzais do jardim, próximos ao Hotel da Bahia, estão em estado lamentável. Isso se deve em parte à falta de estrutura de manutenção e fiscalização da Sumac. Felizmente, uma antiga e vistosa sumaúma, cuja base mede 15 metros de circunferência, foi cercada por grades em março passado. As reentrâncias de seu tronco eram freqüentemente usadas como sanitário público, um problema que se tornou insustentável.



Foto: Gildo Lima

A sujeira é um dos aspectos da falta de manutenção da praça